



Mário Abrantes

# Um país estranho

Com partilhadas culpas remotas das falsas ilusões criadas ao longo dos anos pelos governos PS/PSD/CDS, e com origem no PSD, foi-se propagando na democracia portuguesa um vírus parasitário de extrema direita, até ao ponto em que, objetivamente, Marcelo Rebelo de Sousa, no desempenho dos seus mandatos e fazendo as escolhas que fez, ajudou a que o nosso país em 2024, 50 anos depois da Revolução de Abril, revisitasse o dia 24 de abril e os tempos da sua juventude, enquanto afillhado do substituto de Salazar.

Não sou eu que o digo, mas sim o responsável do partido que mais cresceu, exatamente o partido da extrema-direita, ao comentar os resultados da noite eleitoral do passado domingo: "Hoje começou a mudança que o País precisava há 50 anos" ...

Dir-se-ia que, com este ato eleitoral (uma expressão em si mesma das transformações e liberdades democráticas anteriormente negadas pelo partido único do fascismo) teríamos finalmente extirpado das entranhas políticas e constitucionais portuguesas todas as razões justificativas do levantamento dos militares e do processo revolucionário que se lhe seguiu em 25 de abril de 1974.

Teríamos prolongado dolorosamente para todo um povo, particularmente toda a sua juventude, uma guerra sangrenta e cara em três frentes africanas, contra os povos das colónias, que já durava há 13 anos;

Teríamos continuado a gastar rios de dinheiros públicos com serviços de censura estendidos a todas as instituições públicas e privadas, a encobrir a corrupção, e com a manutenção duma polícia política (com milhares de agentes e informadores), bem armada, que perseguia os cidadãos e que se servia de várias prisões dispersas pelo território metropolitano e colonial para encarcerar por tempo indeterminado, torturar e assassinar os opositores ao regime;

Teríamos voltado a ter um povo subalimentado e condenado à ignorância, ao analfabetismo, ao obscurantismo, à miséria socialmente desprotegida e à emigração massiva como fonte de equilíbrio da balança comercial depauperada pelo esforço de guerra. Voltaríamos a viver sem dignidade e a morrer mais cedo, sem reformas e pensões, sem salário mínimo e sem serviço universal de saúde.

As ilhas atlânticas perderiam a autonomia e regressariam aos tempos do ostracismo e isolamento.

Seríamos um país estranho e francamente hostil a muitos milhares de novos eleitores que, subitamente sacudidos da letargia da abstenção e do desinteresse político, decidiram dirigir-se às urnas no domingo passado, para votar sobretudo na extrema-direita.

Mas não somos esse país estranho, por mais que a CUF ou Champalimaud (que já eram servidos por Salazar) e outros novos grupos económicos apoiantes da extrema direita, ambicionem voltar a ser. Adquirimos em 25 de Abril de 1974 uma característica genética revolucionária, democrática e livre que se manteve e persiste ao fim de 50 anos, apesar de agora gravemente mutilada pelos avanços eleitorais da extrema-direita. Os novos pretensos salvadores da pátria irão ter de enfrentar certamente a resistência e a luta populares em várias outras frentes que não só as eleitorais e, garantidamente, muitos dos que, votando neles, julgaram ter descoberto o remédio para as suas inquietações, precariedade, insegurança e defraudadas expectativas de um futuro mais promissor, acabarão por integrar essa luta ao lado dos que nunca a abandonaram nem no tempo desse estranho país governado por fascistas.

50 ANOS DEPOIS - 25 DE ABRIL, SEMPRE!



Alexandra Manes

# Vencedores e vencidos

Findo este processo eleitoral, às legislativas nacionais, há, sem sombras para dúvidas, duas figuras que se destacam pelos resultados obtidos: André Ventura e Rui Tavares.

André Ventura pela subida exponencial no número de votos e pelos 48 deputados/as eleitos/as e Rui Tavares pelo aumento significativo de deputados/as conseguido, tendo passado de representação a grupo parlamentar, situando-se bem próximo do número conseguido pelo BE, por exemplo.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, na minha perspetiva, o maior derrotado da noite terá sido Luís Montenegro, pois não conseguiu o pretendido, nem tão pouco um aumento considerável de votos. Aliás, não conseguiu descolar-se verdadeiramente do conseguido pelo seu antecessor, Rui Rio, e sem CDS e PPM teria conseguido ainda menos.

Montenegro tem uma tarefa difícil pela frente, pois já percebeu que sem o apoio do chega não consegue governar. Ele sabe o dilema. Disse que "não é não" e caso retroceda na palavra terá traído o seu eleitorado, tal como sabe que com o apoio e as cedências ao chega, o governo desmorona em meses.

Nem Montenegro sabe como vai convencer a máquina e as "forças vivas" do PSD de que é capaz de formar o "governo estável" que lhes promete. É que os apoios têm de ser recompensados, pois não há almoços grátis e Roma não paga a traidores.

A ingerência de Marcelo Rebelo de Sousa foi um erro crasso. Escolheu um lado e em dia de reflexão interveio, enviou uma mensagem encapotada e não o devia! O povo, a quem se fartou de beijocar, não lhe perdoará!

No fim da noite de domingo, Marcelo meteu-se no carro e foi para casa. Não

quis falar à RTP. A golpada não lhe saiu bem. Fica com o Montenegro ao colo, mas vai ter que puxar por todo o seu engenho para descobrir o que fazer com o Chega. Foi um jogo de azar.

Por outro lado, Pedro Nuno Santos proferiu um bom discurso, assumindo o papel de líder da oposição, não atacando, nem ostracizando o eleitorado do chega, referindo que não há um milhão de portugueses racistas e xenófobos. Também não acredito que haja um milhão, mas ontem percebeu-se que há claramente quem se identifique com a ideologia que o chega preconiza.

O Bloco de Esquerda manteve o seu grupo parlamentar, tendo elegido três deputadas e dois deputados, dos quais destaco Marisa Matias pelo um trabalho de excelência feito no Parlamento Europeu, conhecedora de dossiers importantíssimos no que aos Direitos Humanos diz respeito. Uma mais-valia ao parlamento nacional, sem dúvidas.

Estou certa de que o BE, embora sem ter alcançado o resultado desejado, continuará a defender intransigentemente o Estado Social e a justiça social.

Relativamente aos deputados eleitos pelos Açores, a única novidade é a entrada de um deputado do chega que já deixou bem claro o que irá fazer no parlamento: gritar! Nada de novo, portanto.

Agora, mesmo ainda faltando conhecer os resultados dos círculos exteriores a Portugal e que poderão alterar o cenário, é hora de uma profunda reflexão interna, nos partidos de Esquerda.

Nunca a Esquerda baixou os braços ou virou as costas ao seu país. Não será agora!